

**diDo CAC ao Iraque
Do partido modernista aos conflitos da atualidade¹**

Júlia da Cruz Gouveia de Barros Monteiro
Estudante de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pernambuco –
UFPE
Bolsista PIBIC/CNPQ/UFPE
Avenida Bernardo Vieira de Melo, 4702 Apto 802. Bairro Candeias, Jaboatão dos Guararapes – PE. CEP:
54.430-000
Telefones: (81) 3469-9794 e (81) 8895-5271. E-mail: monteiro.julia@gmail.com

Maria Teresa Prado Maia de Mendonça
Estudante de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pernambuco –
UFPE
Bolsista PIBIC/CNPQ/UFPE
Avenida Boa Viagem, 1958, Apto 201. Bairro Boa Viagem, Recife-PE. CEP: 51.111-000.
Telefones: (81) 3466-8223 e (81) 9913-5675. E-mail: prado.mteresa@gmail.com

Rosa Gabriela Uchôa Lima Oliveira
Estudante de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pernambuco –
UFPE
Rua Almir Azevedo, 51 apto 304. Bairro Cidade Universitária, Recife-PE. CEP: 50740-610.
Telefones: (81) 9929-7076. E-mail: gabriela.uchoa@gmail.com

¹ Este artigo toma por base resultados parciais da pesquisa DRAPI- uma metodologia em edificações recentes, desenvolvida pelo Laboratório em Estudos Avançados em Arquitetura- LA2, coordenado pelos professores Luiz Amorim e Claudia Loureiro.

Do CAC ao Iraque Do partido modernista aos conflitos da atualidade

Resumo

Este artigo discute os efeitos de pós-ocupação no Centro de Artes e Comunicação - CAC da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, a partir das transformações observadas no edifício, refletidas na sua configuração espacial e infra-estrutura. Este edifício, exemplar da arquitetura moderna pernambucana, foi inaugurado em 1976, projeto dos arquitetos Reginaldo Esteves e Adolfo Jorge Miranda Cordeiro, destinado a abrigar os departamentos ligados às antigas Faculdade de Arquitetura, Escola de Belas Artes, Instituto de Letras, e Curso de Biblioteconomia. Hoje, reúne oito departamentos, os quais são responsáveis por dezesseis cursos de graduação e cinco de pós-graduação. Com o aumento da demanda por espaços físicos no Centro, provocado pela inserção de cursos, iniciou-se um processo de reformas que ocasionaram interferências na legibilidade espacial da concepção arquitetônica original e que perduram até hoje.

O estudo está fundamentado na metodologia DRAPI, que consiste em uma avaliação de mudança de uso em edificações de passado recente, desenvolvida pelo Laboratório de Estudos Avançados em Arquitetura – LA2, da UFPE (LOUREIRO, et al, 2006) Este método é aplicado na pesquisa a partir da coleta de dados através da técnica de *walkthrough*; levantamento fotográfico e documental, e pela análise de duas fases distintas de ocupação do CAC: a) planos originais; b) situação de uso e ocupação atual (2009).

A análise destes levantamentos resulta na percepção de descaracterizações provocadas por interferências nas fachadas, fragmentações espaciais e intervenções, causando perdas na identidade do edifício. O artigo visa, portanto, estudar o comportamento desta edificação modernista ao longo do tempo e sua trajetória de adaptação às necessidade contemporâneas.

Palavras-Chave: mudança de uso, conservação de edificação de passado recente, pós-ocupação.

Abstract

This article deals with the post-occupation effects at the *Center of Arts and Communication* – CAC, from the changes observed in the building, which reflected in its space configuration and infrastructure. This building, sample of Pernambuco modern architecture, was inaugurated in 1976, project of the architects Reginaldo Esteves and Adolfo Jorge Cordeiro, meant to host the old Architecture School, Fine Arts School, Language Department and the Librarian School. Today, it holds eight departments, which are responsible for thirteen graduation and five post-graduation courses. The increase on demand for physical space in the Center, caused by the new courses insertion, created a custom of partitioning the spaces, provoking interferences on the spatial legibility of the original architectural concept.

The research is grounded on DRAPI methodology, which is an evaluation of use modifications in buildings from recent past, developed by Advanced Studies in Architecture Laboratory – LA2, of UFPE. This method is applied in the research since the data gathering, through the technique *Walkthrough*; photographic and documental survey, and through the analysis of three different occupation phases of “CAC”: a) original plans; b) use and occupation situation in the mid 1990's; current situation (2009).

The analysis of these surveys results in the perception that there were adulterations provoked by interferences in the facades, spatial fragmentation and interventions, causing the identity loss of the building. The article aims, therefore, study the behavior of this building along the time and its trajectory of adaptation to the contemporary needs.

Key words: change of use, recent past building conservation, post-occupation

Do CAC ao Iraque **Do partido modernista aos conflitos da atualidade**

1 INTRODUÇÃO

O Centro de Artes e Comunicação é um edifício institucional localizado no campus da Universidade Federal de Pernambuco, projeto dos arquitetos Reginaldo Esteves e Adolfo Jorge Miranda, e inaugurado no ano de 1976. Na década anterior, o ensino superior foi reestruturado através da Reforma Universitária de 1968 no Governo de Emílio Garrastazu Médici, regulamentada pela Lei 5.540/1968², que estabelecia o departamento como menor fração autônoma da estrutura universitária para efeitos de organização administrativa, didático-científica e de distribuição de pessoal.

Esta Lei promoveu a dissolução de antigas faculdades, escolas e institutos, e os cursos passaram a ser vinculados a departamentos reunidos em unidades mais amplas, os centros. Deste modo, a faculdade, que antes possuía domínio territorial e representatividade, perde sua identidade ao ser transformada em uma parte dentro de um conjunto de unidades administrativas. A noção de curso, portanto, torna-se uma idéia abstrata e sem uma localização referencial. Partindo deste preceito, o edifício do CAC foi concebido para abrigar os departamentos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Licenciatura em Desenho e Plástica, Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas e Artes Cênicas, Música - Canto, Instrumento e Licenciatura, Letras e Biblioteconomia, após a dissolução da antiga Faculdade de Arquitetura, da Escola de Belas-Artes, do Instituto de Letras e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Em 13 de março de 1967 foi instituído o Decreto 60.461 que ordenava a expansão dos *campi* e melhorias de seus espaços físicos através da criação da CEPES³. Esta comissão, em 14 de março de 1974, foi reestruturada pelo Decreto 73.857/1974, que em consonância com a Lei 5.540/1968 passou a denominar-se PREMESU- Programa de Expansão e Melhoramento das Instalações do Ensino Superior, que determinava diretrizes em relação às questões de dimensionamento, orçamento e setorização do espaço, bem como a utilização de elementos pré-estabelecidos que visavam melhorias das instalações prediais.

Por ter sido construído na década de 1970, o edifício do Centro de Artes foi concebido a partir das diretrizes estipuladas por este Programa. Segundo a entrevista⁴ realizada com os arquitetos Adolfo

² Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média e dá outras providências.

³ Comissão Especial para Execução do Plano de Melhoramento e Expansão do Ensino Superior.

⁴ Entrevista fornecida por Adolfo Jorge Miranda e Dinauro Esteves, realizada no dia 08 de abril de 2009, no escritório ADM Arquitetos, Recife/PE.

Jorge Miranda e Dinauro Esteves⁵, o reflexo da aplicação do PREMESU na concepção arquitetônica do edifício apresenta-se em vários aspectos projetuais, como o estabelecimento de um programa de necessidades rigoroso, a exigência pela utilização de sistema de climatização artificial – através de central de ar condicionado, além da delimitação prévia de áreas específicas destinadas a áreas úteis e de circulação. Os espaços didáticos deveriam acolher entre 20 e 40 alunos por sala de aula, sendo estabelecido para cada estudante o espaço físico de 1,50m². As restrições orçamentárias também direcionaram a escolha por uma implantação horizontal, já que possibilitava o uso de fundações diretas, reduzindo assim o custo da construção.

O projeto do CAC tem como partido a exposição clara de instalações e materiais, sobretudo o concreto, seguindo uma malha reticulada estrutural de 7,5 x 7,5 m, ocupado de modo a produzir espaços ora abertos, ora fechados. Como resultado tem-se um edifício fluido e dinâmico, tanto em planta, como em volumetria, que estabelece uma integração entre interior e exterior. A dinamicidade é ressaltada também pela composição altimétrica utilizando planos de alturas variadas que se adequam à funções específicas dos cursos abrigados.

No decorrer dos anos, aos nove primeiros cursos instalados inicialmente no centro, foram adicionados os de Comunicação Social com habilitações em Publicidade e Propaganda, Rádio e TV e Jornalismo, Design, Dança Cinema, Gestão da Informação e Bacharelado em Biblioteconomia. Atualmente, estão instalados dezesseis cursos de graduação e cinco de pós-graduação, reunidos em oito departamentos. Em 2009, cerca de quatro mil seiscientos e dois alunos estão matriculados no CAC, enquanto seu projeto original foi concebido para comportar uma média de mil e quinhentos.

Em 1996, com a Lei 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação -, a qual define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição, juntamente com o Decreto 3.860/2001, que dispõe sobre a avaliação de cursos, instituições e suas complementações, surge uma preocupação quanto à adequação das instalações físicas das instituições de ensino às exigências do Ministério de Educação e Cultura. Estas exigências determinam a implantação de novos ambientes, como laboratórios para abrigar equipamentos destinados a um melhor desempenho dos cursos. Isto, associado ao maior número de alunos, gera uma oferta de atividades por pessoa no edifício que não coincide com a oferta de espaço por ele proporcionada, acarretando também uma série de reformas e intervenções que fragmentam os espaços já existentes, avançam sobre áreas de uso comum, ocupando-as, e incorporam anexos à estrutura original, provocando a perda da legibilidade espacial da concepção arquitetônica da década de 1970.

Este artigo apresenta, portanto, os resultados dos efeitos desta ocupação do Centro de Artes e Comunicação, partindo de um estudo sobre o comportamento da edificação modernista ao longo do

⁵ Arquiteto Graduado pela UFPE, integrante da equipe de produção do projeto do Centro de Artes e Comunicação.

tempo e sua trajetória de adaptação às necessidades contemporâneas. A base para esta análise é o DRAPI, uma metodologia de avaliação de mudança de uso, que se apresenta como uma ferramenta de suporte a projetos em edificações de passado recente, através de cinco etapas: descrever, retrospectar, analisar, prospectar e implementar. Assim, neste trabalho é realizado um estudo de descrição, retrospectação e análise, avaliando o grau de perda de desempenho da edificação. (LOUREIRO et al, 2006)

2 DO PARTIDO MODERNISTA AOS CONFLITOS DA ATUALIDADE

2.1 Referências teóricas

No intuito de situar o projeto do CAC em uma linha teórica arquitetônica, faz-se necessário abranger os limites da área de estudo a uma escala nacional e internacional, para que se percebam as influências presentes na obra em análise. A Arquitetura Moderna, que teve seu surgimento no início do século XX, após a Segunda Guerra Mundial passa a enfrentar um novo panorama social e ideológico. A reflexão sobre esses novos valores resultou em novas vertentes, dentre elas o brutalismo, que se traduz na arquitetura através da nudez da forma e da estrutura, das instalações aparentes, fazendo uso da exposição do material em sua forma bruta, despojada de revestimentos, para que se ressalte a individualidade e a essência dos elementos compositivos da edificação (MONTAGNER, 2001). No Brasil, tem-se na escola paulista a maior representante da corrente brutalista, sobretudo nas obras de Villanova Artigas e seu discípulo Paulo Mendes da Rocha.

Embora não se possa afirmar a existência de uma arquitetura pernambucana brutalista, uma vez que a incorporação dos preceitos desta vertente se dá de uma forma tênue, incidindo primordialmente sobre aspectos plásticos, percebe-se no Centro de Artes e Comunicação um conjunto de características que ultrapassam as questões plásticas, estabelecendo uma relação mais densa com o próprio movimento brutalista. No projeto de Esteves e Adolfo Jorge Miranda são encontradas ressonâncias particulares com obras representativas como a Escola Secundária Hunstanton-Norfolk, 1949-54, do casal inglês Alison e Peter Smithson, a sede da Companhia de Seguros Central Beheer em Apeldoorn, 1967-72, de Hermann Hertzberguer e do Orfanato Municipal de Amsterdã, 1956-60, de Aldo Van Eyck.

O CAC aproxima-se do edifício inglês por seu caráter compositivo, já que em ambos tudo se apresenta de forma aparente. Na escola Hunstanton-Norfolk, os arquitetos ingleses optaram por uma exposição deliberada de estruturas, vedações e instalações, demarcando assim a individualidade de cada elemento que compõe a edificação. O mesmo ocorre com o edifício do CAC, que busca tirar partido do seccionamento dos seus componentes, evidenciando cada parte de sua construção, com uma exposição pura de seus materiais. Em seu exterior, este edifício se materializa através de uma

grande massa de concreto aparente que se compõe de reentrâncias e saliências, ritmada por esquadrias em vidro associadas a elementos verticais e horizontais de proteção solar em placas cimentícias. A escolha dos materiais, como a placa de cimento e o concreto aparente resulta em uma monocromia que confere ao edifício um caráter austero e bem definido. Este comportamento repete-se no interior do edifício, onde se usa alvenaria em blocos de concreto sem revestimento, e a exibição das instalações hidrossanitárias e elétricas.



Figura 01: Vista externa da escola de Hunstanton.
Fonte: <http://www.flickr.com/photos/25831000@N08/>



Figura 02: Vista externa do CAC.
Fonte: Diogo Barretto

Na Sede da Central Beheer percebe-se uma mesma atitude brutalista, no entanto, diferente da escola do casal Smithson, a escolha dos materiais nesta edificação torna o Centro de Artes e Comunicação mais próximo a ela que se comparado ao exemplo anterior. Sobre a obra de Hertzberger, Frampton (2003), escreve:

Essa armação de concreto armado e estruturas em blocos de concreto organizam-se ao redor de um conjunto irregular de plataformas funcionais colocadas dentro de uma grade ortogonal regular que compreende pavimentos, colunas, encaixes de luz e tubulações de serviço. Galerias de alturas variadas e iluminadas por cima separam essas plataformas quadradas de 7,5 metros, permitindo que a luz natural seja filtrada e desça até os níveis públicos mais abaixo. As plataformas suspensas oferecem uma rede de espaços para atividades que podem ser apropriados como postos de trabalho tanto individuais quanto grupais, através da reordenação de elementos modulares, (...). Segundo Hertzberger, esse labirinto semelhante a um bunker – remanescente, em sua introspecção, do edifício Larkin, construído por Wright em 1904 – foi deliberadamente deixado inconcluso para estimular a apropriação e a decoração “espontâneas” do espaço por seus usuários imediatos. (FRAMPTON, 2003, p.363)

Muitas das características descritas acima podem ser encontradas no CAC: o uso de uma malha ortogonal ordenadora, com modulação de 7,5 x 7,5 metros, pés-direitos diferenciados, a aparência crua, além dos materiais utilizados. Em relação à planta, o Centraal Beheer segue os preceitos do

estruturalismo holandês, que faz do edifício uma extensão da cidade, não apresentando barreiras entre edifício e rua, o que demonstra a fluidez entre interior e exterior (FUÃO, 2000). Esta fluidez persiste dentro da edificação, que simula uma pequena cidade, com ruas de circulação, pátios internos e escritórios, distribuindo-se de forma orgânica.



Figura 03: Vista aérea do Centraal Beheer.
Fonte: http://www.hertzberger.nl/index_intro.html



Figura 04: Vista interna do Centraal Beheer.
Fonte: http://www.hertzberger.nl/index_intro.html

Aldo Van Eyck, maior representante do estruturalismo holandês, sintetiza estes preceitos no Orfanato Municipal de Amsterdã. Este é modulado a partir de cubos que, partindo de um núcleo, se reúnem e se dispersam pelo terreno, e, assim como o exemplo anterior, criam uma boa relação com o entorno e com a cidade onde se insere. Van Eyck explora as relações de escala entre pequenas e grandes estruturas, onde se apreende o todo pela parte e a parte pelo todo, o que se denomina Claridade Labiríntica (UIEDA, 1998).

Esses dois exemplos holandeses esclarecem a concepção espacial do Centro de Artes e Comunicação. Neste, as relações internas entre cheios e vazios tendem a refletir a integração entre o edifício e seu entorno. O CAC se projeta no terreno de forma a apresentar delimitações tênues entre espaço de transeuntes e usuários, pois está implantando em um nível pouco inferior ao da rua permitindo permeabilidade visual pelas aberturas e terraços da fachada. O acesso à edificação é facilitado por rampas e percursos convidativos às diversas entradas do prédio, de forma a conectar o espaço urbano ao interior do edifício.



Figura 03: Planta do Térreo do Orfanato de Amsterdã.
 Fonte: <http://www.cleandesign05.co.uk/>



Figura 04: Planta do Térreo do CAC (1974).
 Fonte: As autoras

Diante da exposição destas obras em paralelo ao CAC, puderam-se demonstrar afinidades entre os exemplares arquitetônicos e a edificação estudada. Assim, ao relacioná-lo com a escola brutalista não se faz apenas um exercício de classificação diante as semelhanças, mas principalmente uma apreensão da lógica da sua composição formal, plástica e espacial.



Figura 05: Vista aérea do Orfanato de Amsterdã.
 Fonte:

http://www.educatorium.com/images/projetos_referenciais



Figura 06: Vista aérea do CAC.
 Fonte: Pedro Valadares

2.2 O projeto original

Concebido para abrigar um centro de produção e difusão de cultura, o projeto do CAC procurou oferecer espaços criativos, através de uma relação entre os ambientes didáticos e espaços de lazer/convivência, como terraços, pátios e jardins. A proposta de Reginaldo Esteves e Adolfo Jorge Miranda, tendo em mente também os parâmetros exigidos pelo PREMESU, resultou em uma planta peculiar de caráter orgânico, com um grande pátio central servindo como espaço de convivência e dele se dispersam as circulações que afluem em núcleos que, como um *foyer*, funcionam como antesalas para os ambientes onde se desenvolvem as atividades do centro, além de funcionarem pontos de referência e orientação para a circulação dos usuários. Tais núcleos concentram os banheiros e dão acessos às circulações verticais.

Esta organização espacial foi regida por uma modulação estrutural de 7,5 x 7,5m, resultado tanto do cálculo de pré-dimensionamento dos espaços, como também por um uso racional do material de vedação escolhido que é a base compositiva dos espaços. O interessante dessa concepção arquitetônica é permitir a expansão tectônica sem que se perda a essência do espaço construído, já que o caráter orgânico organiza e distribui as possíveis intervenções.

Quanto à setorização, os espaços didáticos foram concentrados a partir dos núcleos de acordo com seu uso: biblioteca, direção do Centro, laboratórios, ateliers, oficinas, estúdios, serviço, administração pedagógica, auditório, salas teóricas e salas de pranchetas. Esta lógica de organização funcional permite uma relação entre os usuários do Centro, de forma a incentivar o intercâmbio de conhecimento, que também é propagado a partir dos encontros proporcionados pelos pátios.

O acesso da rua ao interior se dá pelas quatro faces do prédio, de forma a não valorizar uma em detrimento de outra e permitindo atravessar o edifício pelo pavimento térreo. É neste piso que estão localizados espaços coletivos que necessitam uma fácil identificação dos usuários, como a biblioteca, cujo uso justifica uma maior acessibilidade; a cantina, que está localizada em uma área de grande permeabilidade visual, próxima ao pátio central; a galeria de exposições e a sala de direção do Centro, ambas implantados próximo as entradas. Neste mesmo pavimento também estão locados laboratórios, oficinas e ateliers. Já no primeiro pavimento concentram todos os espaços administrativos pedagógicos enquanto que no segundo andar estão as salas teóricas e de pranchetas, juntamente com o auditório, que apesar de ser de uso coletivo, encontra-se no pavimento destinado a abrigar ambientes de uso didático.

Todo o arranjo compositivo da planta segue uma lógica de setorização, que se justificaria no aumento da eficiência das atividades desenvolvidas, onde se abrigaria funções de mesma natureza para diferentes cursos. No entanto, desde o início, a forma de ocupação não seguiu esta lógica, e sim desenvolvendo uma relação territorialista sobre o espaço, caracterizando-se como uma reunião de faculdades.

2.3 Da ocupação aos dias atuais

Apesar de o projeto permitir a expansão ordenada, as intervenções demandadas pela intensificação da ocupação, como a inserção de novos cursos, mudanças na Lei de Diretrizes e Bases, não se deu de forma expansiva, cujo crescimento se guiasse pela mesma solução do projeto original, mas de caráter fragmentador, criando subdivisões espaciais que tornam o todo ilegível, perdendo a sua identidade. Um destes conflitos vem da forma como os departamentos se apropriam do espaço, estabelecendo uma relação de posse sobre áreas coletivas, como terraços e circulações. Estas áreas, concebidas como espaços de transição, importantes para compreensão do lugar, são desconfiguradas, anulando o conceito espacial do edifício, a ocupação dos corredores prejudica a

fluidez dos movimentos e a ocupação dos terraços interfere na relação entre ambiente interno e externo.

Outro problema está na compartimentação excessiva, onde ambientes que antes seguiam uma modulação, são repartidos sucessivamente até perder a ordenação lógica e funcional do espaço, o que acarreta uma perda de valores intrínsecos. Além disto, este fracionamento rompe a relação equilibrada entre as dimensões horizontais e verticais, por exemplo, salas antes com 7,5 metros de largura e 4,5 de altura, são reduzidos a 3 metros de largura, mantendo o mesmo pé-direito, resultando espaços inadequados para o ensino. Fora a demanda por espaços físicos, há também um receio contemporâneo com as questões de segurança, motivando o fechamento de três, dos quatro acessos que possuía a princípio, tornando mais distantes algumas áreas que antes tinham acesso facilitado.

Este conjunto de intervenções e interferências causa uma sensação de desorientação pela perda dos referenciais, pois, apesar do CAC possuir uma planta legível, as transformações ocorridas alteraram a relação entre os ambientes e seus usuários. Assim, o edifício é hoje reconhecido como um labirinto, onde a primeira impressão é de um lugar desconexo, sendo necessária certa vivência do local para adaptação neste. E em algumas áreas encontram-se deturpadas, a ponto de ser conhecida pelos usuários como Iraque.

3 AS DIVERSAS ESPACIALIDADES

Um passo importante para se entender a análise das variáveis espaciais apresentadas no edifício consiste em um paralelo entre momentos extremos; o projeto de 1974 e a atualidade, tomando como ponto de partida a compreensão da organização funcional. A importância deste comparativo se dá pelo fato que a forma como o edifício foi setorizado no projeto priorizava distribuição dos espaços de acordo com seus usos – por exemplo alas que concentram salas teóricas, outras destinadas a reunir departamentos, ateliers, laboratórios – e na prática, sua ocupação, diferente da proposta inicial, se deu através da partição do espaço por cursos, ou seja, houve uma apropriação dos espaços de forma a criar territorialidades para cada um destes, tendendo a concentrar o máximo de atividades específicas para cada curso. Então, ao contrário de ter-se setores de laboratório, de ateliers ou departamentos, tem-se área de arquitetura, artes plásticas, letras, etc.

A consequência desta forma de se apropriar do espaço provocou uma alteração na lógica funcional do edifício. Uma vez que os espaços projetados não correspondiam às atividades neles desenvolvidas, surge uma necessidade de intervir no ambiente construído de forma a “adequá-lo” ao uso em questão. Isto estimulou uma prática de fragmentação dos espaços, que se dá de forma particularizada, sem uma preocupação com o todo. Assim, a soma destas “pequenas” intervenções resulta em disparidades na configuração espacial nos dois momentos analisados.

Percebe-se no processo comparativo das plantas do térreo alterações sobretudo na biblioteca, que foi ampliada e teve seu leiaute modificado, particionado de forma a gerar áreas mais reservadas, que visam uma certa privacidade. No setor destinado a abrigar as oficinas, é onde se observa uma fragmentação bastante expressiva, pois salas que foram dimensionadas com 12,5 x 7,5m, estão hoje compartimentadas de forma a abrigar entre quatro a sete novos recintos. Nesta mesma região, além das alterações na planta original, foram acrescentados mais três anexos que expandem a ocupação do edifício.

No primeiro pavimento, as diferenças estão no setor de departamentos. Estes permanecem com a mesma função, porém com modificações na distribuição dos espaços, por exemplo, salas antes longitudinais subdividiram-se em dois novos ambientes não mais alongados. Um fator bastante relevante é a ocupação dos terraços, estes passam a ser ocupados por salas e interferem no conforto ambiental das circulações, além disto, causam deformações no conceito espacial do edifício, que prezava por uma relação equilibrada entre espaços de convivência, didáticos e de trabalho. Existe também uma invasão de algumas circulações, ora perdendo a idéia do foyer que recepciona as atividades desenvolvidas nos lugares adjacentes, ora reduzindo a dimensão da circulação, estreitando-a.

No segundo pavimento ocorre a mesma postura de intervenção dos espaços, ou seja, ocupação dos terraços e desmembramentos de salas. No setor de salas teóricas observa-se um fracionamento das unidades ao meio, já nos ateliers, que foram projetados de forma a ter uma área mais significativa em virtude do seu uso, sofre sucessivas partições de forma a abrigar desde salas teóricas e pequenos auditórios a coordenações e departamentos. Em alguns casos, estas intervenções ocorrem de forma tão intensiva que cria espacialidades bastante diversas da situação original, como é o caso de um conjunto de dois ateliers que são transformados em dezesseis pequenos cômodos. Ainda no setor dos antigos ateliers, existe um caso particular que engloba um avanço sobre a cobertura do térreo para a instalação de novas salas, causando prejuízo aos equipamentos abaixo instalados pelo fechamento das aberturas zenitais. Este pavimento também recebeu ampliações na sua porção sul visando a criação de oito novas salas.

Após esse breve estudo sobre o processo de fragmentação dos espaços, que esclarece o comportamento das intervenções no Centro de Artes e Comunicação é possível entender como este fracionamento interfere na relação que os espaços estabelecem entre si e com o todo. A base de estudo destas diferentes espacialidades esta na compreensão do espaço através do conjunto de relações que se estabelecem entre suas estruturas, representada através de convexas que são representações simplificadas e adimensionais que permitem explicitar propriedades topológicas. Segundo Loureiro:

Assim, a configuração espacial pode ser descrita pelo padrão dos espaços convexos que ela origina e pelas conexões entre eles – deste ponto de vista, segundo Peponis et al. (1997), uma transição é definida como sendo o movimento de um espaço convexo a outro, originando-se daí um certo padrão de movimento na edificação. Segundo Hillier & Hanson (1984), o espaço convexo corresponde à intuição de unidades bidimensionais de espaço que se acham completamente disponíveis para a experiência direta a partir de qualquer de seus pontos. Desta forma, a estrutura convexa está relacionada ao campo em potencial de co-presença e co-ciência dos ocupantes da edificação (LOUREIRO, 2000, p.180)

O mapa de convexo acima citado se materializa através de uma escala de tonalidades que se inicia por cores quentes para as áreas mais acessíveis, começando pelo vermelho, seguindo um espectro de cor até chegar ao violeta, que indica os espaços menos acessíveis de acordo com um referencial escolhido, que neste caso é o acesso rua/edificação. Esta análise da configuração espacial será feita a partir da medida sintática de profundidade, que permitirá estudar os níveis de acessibilidade do edifício a partir do seu exterior. O grau de profundidade é medido pela distância topológica entre dois espaços, expressando, através do número de mudanças de direções – passos, a quantidade de espaços intervenientes entre dois convexos. Abaixo seguem os mapas de convexo dos pavimentos do CAC nos dois momentos de análise.

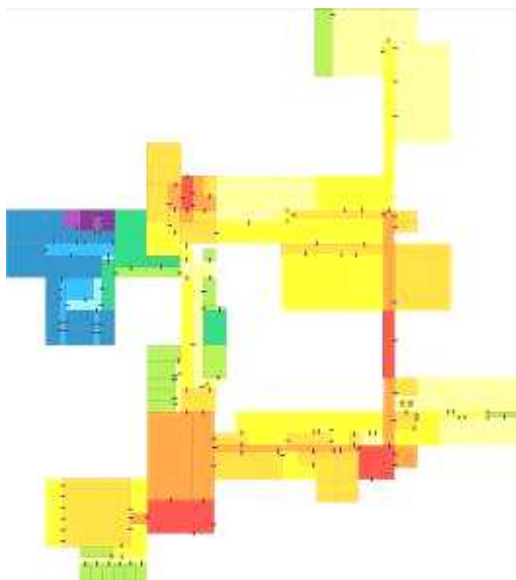


Figura 07: Mapa de convexo - térreo_1974
Fonte: as autoras

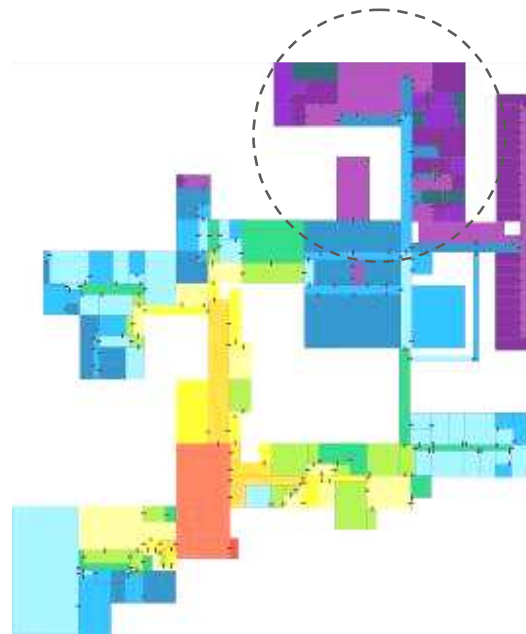


Figura 08: Mapa de convexo - térreo_2009
Fonte: as autoras

Apoiando-se no conceito de profundidade, verifica-se que, no mapa de convexo do pavimento térreo de 1974, o espaço mais profundo encontra-se a doze níveis, ou seja, são necessárias doze

mudanças de direção para que se chegue ao ponto mais distante, topologicamente, partindo de um dos acessos. Pela predominância de cores quentes, conclui-se que se trata de um edifício raso, permeável, devido à quantidade de acessos disponíveis associados à multiplicidade de escolhas para percursos. Contribui ainda para a pouca profundidade da planta o fato dos espaços serem dispostos de modo racional, obedecendo à modulação e a uma lógica funcional que tende a ligar os espaços, quando conveniente, diretamente a uma circulação.

Quando se estuda o mapa de 2009, se obtém um maior número de convexos e um aumento no grau de profundidade, que passa a ser treze passos. Embora, a um primeiro momento, a diferença entre os graus de profundidade entre as duas plantas pareçam pequenas, devido à adição de apenas um nível entre elas, a apreciação dos mapas de convexo mostram um maior número de espaços que chegam a esse décimo terceiro nível, ressaltado pela predominância de cores frias. A razão da diferença entre os mapas é causada, primeiramente, ao fechamento de três acessos da edificação, reduzindo as possibilidades de escolha do usuário, e pelas fragmentações de salas e acréscimo de anexos que já nascem bastante compartimentados. Estes espaços que se encontram mais alterados e distorcidos são identificados de forma irreverente pelos alunos como Iraque. Esta analogia se dá devido à forma como estes locais estão organizados e o mal estado de conservação que alguns apresentam, remetendo sensações aos usuários de confusão e desordem

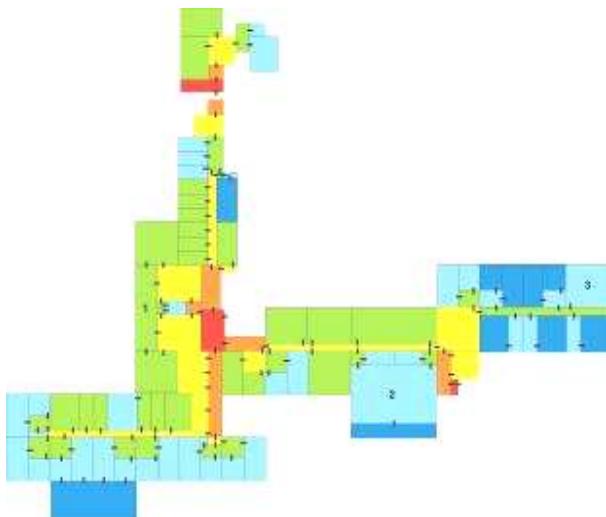


Figura 09. Mapa de convexo - 1º Pavimento_1974
Fonte: as autoras

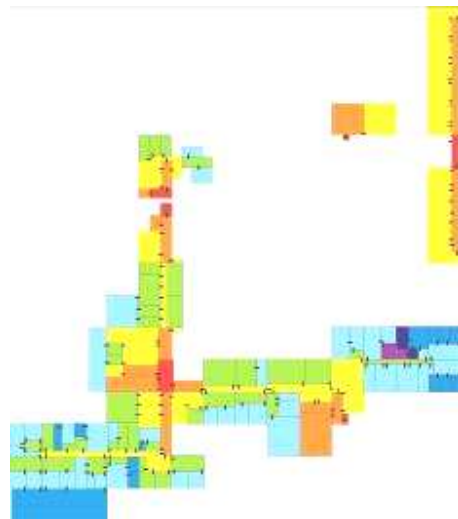


Figura 10. Mapa de convexo - 1º Pavimento_2009
Fonte: as autoras

O ponto referencial de acessibilidade nos mapas de convexo dos planos superiores ao térreo foi a chegada dos pontos de circulação vertical, não implicando em modificações derivadas dos

fechamentos dos acessos à rua, como ocorre no pavimento térreo. A fragmentação dos espaços, embora tenha gerado um número maior de convexos na situação atual, não os tornou tão mais profundos, pois a forma como os espaços foram fracionados priorizou a conexão entre eles à circulações existentes, sem fazer uso de circulação intermediárias.

Assim, tem-se no original seis níveis de profundidade, enquanto no atual chega-se até o oitavo. Ainda que em alguns setores não haja grande diferenças em relação aos níveis de profundidade, existem modificações quanto ao seu leiaute, ou seja, as salas reorganizadas, assumindo novos formatos ou posições. A ocupação dos terraços está marcada nas figuras acima, no qual se pode notar que a ocupação do terraço 1 deu espaço a quatro convexos, enquanto o segundo, que abrigava dois em 1974, passa então a acolher cinco convexos. Já o terceiro, antes um convexo, foi transformado em quatro. Estes espaços deixaram de ser coletivos, abrigando hoje salas de aula, de professores e laboratórios. O número total de convexos aumentou devido principalmente ao anexo criado, já mencionado da análise do térreo.

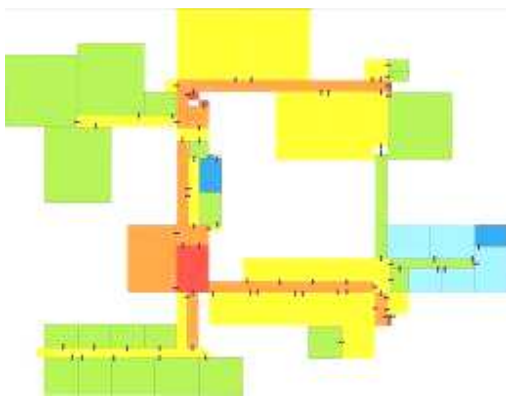


Figura 11. Mapa de convexo: 2º Pavimento_1974
Fonte: as autoras

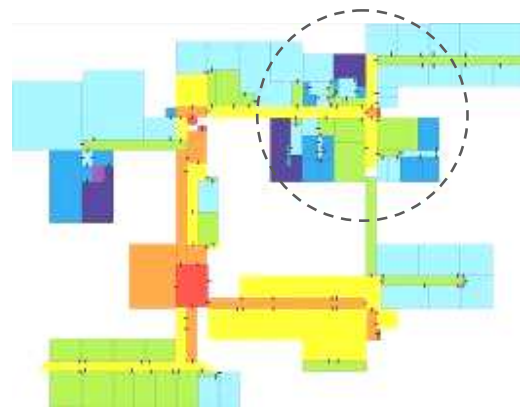


Figura 12. Mapa de convexo: 2º Pavimento_2009
Fonte: as autoras

No segundo pavimento, assim como no pavimento anterior, a fragmentação dos espaços é a principal definidora das dissonâncias entre as medidas sintáticas encontradas, sendo que neste caso é mais visível, pois a compartimentação se dá de forma exaustiva. Como já foi abordado no início desta seção, a dissolução dos grandes ateliers em pequenas salas gera o aumento do grau de profundidade entre primeira e segunda situação. A diferença deste plano atual para o de 1974 está na criação de circulações mediadoras, interiorizadas dentro dos novos núcleos de atividades criados para abrigar um número de convexos expressivamente maior se comparado a situação original. Deste fato resulta o aumento do nível de profundidade, que antes era de seis, para oito passos. Assim, o mapa de 2009 apresenta uma mancha de cores frias dominantes.

Esta avaliação do segundo pavimento é um bom exemplo da perda de desempenho da funcionalidade do edifício, pois tem a permeabilidade bastante reduzida pela forma como a leitura da planta é alterada. No plano original, tem-se uma lógica definida por quatro pontos referenciais de chegada, que se ligam aos corredores de modo a criar um anel de circulação, que distribui os movimentos por gerar opções de caminho. A este anel estão conectadas circulações secundárias, que direcionam os fluxos, ligando-se diretamente aos recintos. Com as intervenções, esta lógica é distorcida, pois despreza a hierarquia da distribuição dos movimentos, através de um novo leiaute com pequenas circulações que negam a simplicidade da solução original. O resultado disto é a proliferação de áreas confusas e particularizadas que dificultam o domínio da planta pelo usuário, justificando a inclusão destas na área conhecida como Iraque, que abrange este piso e o térreo.

Em termos gerais, pode-se afirmar que o conjunto de alterações analisadas em cada pavimento, evidencia, no edifício como um todo, perdas de referências do conceito aplicado pelos arquitetos no partido projetual. Um edifício baseado na fluidez, tanto entre interior e exterior, quanto na distribuição interna de pátios e circulações, está hoje descaracterizado de modo a perder sua identidade em virtude do aumento de variáveis como profundidade, fragmentação, e da diminuição de valores de acessibilidade e permeabilidade. Estas mudanças implicam, portanto, em contradições à essência do projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi desenvolvido no intuito de verificar o quanto o processo de ocupação do edifício do Centro de Artes e Comunicação provocou mudanças na lógica de configuração espacial do projeto de Reginaldo Esteves e Adolfo Jorge Miranda. O estudo comparativo da edificação nos seus dois momentos extremos – projeto original e situação atual, com base na metodologia DRAPI, demonstrou perda de desempenho da edificação, confirmada pela análise de variáveis como fragmentação, profundidade e acessibilidade.

Nos mapas de convexo, os espaços que apresentaram maior redução de legibilidade coincidem com a região apelidada, pelos usuários, de Iraque. É interessante notar como a falta de identificação deste espaço estranho à lógica do edifício pelo usuário o leva a criar analogias que permitam ao reconhecimento do lugar. Este fenômeno é explicado pela Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2003), que afirma que as representações sociais objetivam tornar familiar algo não-familiar. O termo “Iraque”, fazendo referência a um espaço conflituoso, se caracteriza como uma alternativa de nomeação para uma nova configuração espacial, que permite a compreensão desta a partir de idéias e valores pré-existentes. Esta reflexão, portanto, torna-se coerente, uma vez que não existe conciliação entre o passado e o presente do edifício.

Desde o início de sua ocupação, o CAC sofre constantes necessidades de readequação, o que o faz perder suas qualidades originais, uma vez que as intervenções não demonstram interesse em manter a integridade e autenticidade do edifício. No entanto, como foi apresentado ao longo do artigo, este edifício apresenta em sua essência valores expressivos do movimento moderno, e, assim, não se justifica a persistência de ações irrefletidas que distorcem a memória deste exemplar da arquitetura pernambucana.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Luiz. **Modernismo recifense: uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos**. Portal Vitruvius, 2001. Disponível em:
http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq012/arq012_03.asp acessado em março de 2009.

BRASIL, Decreto nº 3.860, de 09 de julho de 2001. Dispõe sobre a organização do ensino superior, a avaliação de cursos e instituições, e dá outras providências. **Portal Prolei – Inep**. Disponível em:
<http://www.prolei.inep.gov.br/> acessado em fevereiro de 2009.

BRASIL. Decreto-Lei nº 60.461, de 13 de março de 1967. Cria a Comissão Especial no Ministério da Educação e Cultura. **Portal Prolei – Inep**. Disponível em:
<http://www.prolei.inep.gov.br/> acessado em fevereiro de 2009.

BRASIL. Decreto-Lei nº 73.857, de 14 de março de 1974. Reestrutura a Comissão Especial para Execução do Plano de Melhoramento e Expansão do Ensino Superior - CEPES. **Portal Prolei – Inep**. Disponível em:
<http://www.prolei.inep.gov.br/> acessado em fevereiro de 2009.

BRASIL. Lei nº 5.590, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Portal da República Federativa do Brasil**. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L5540.htm> acessado em abril de 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional - Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. **Portal Prolei – Inep**. Disponível em:
<http://www.prolei.inep.gov.br/> acessado em fevereiro de 2009.

BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

CANTALICE, A. **Um Brutalismo Suave: Traços da Arquitetura em Pernambuco (1965-1980)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade Federal de Pernambuco, Recife.

FRAMPTON, K. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FUÃO, Fernando Freitas. **Brutalismo, a última trincheira do movimento moderno**. Portal Vitruvius, 2000. Disponível em:
<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp036.asp> acessado em abril de 2009.

HERTZBERGER, H. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LOUREIRO, C. **Classe, Controle e Encontro: o espaço escolar 2000**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, São Paulo.

LOUREIRO, C.; AMORIM, L.; ALMEIDA, F.; NASCIMENTO, C. Metodologia de Avaliação de Mudança de Uso. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL NA RECUPERAÇÃO, MANUTENÇÃO E RESTAURAÇÃO DE EDIFÍCIOS, 2006 RIO DE JANEIRO. **Anais de II Congresso Internacional na Recuperação, Manutenção e Restauração de Edifícios...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MONTAGNER, J.M. **Depois do Movimento Moderno**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes. 2003.

PELEGRINI, Thiago; AZEVEDO, Mário L.. **A Educação nos anos de chumbo: a Política Educacional ambicionada pela “Utopia Autoritária”**. Portal História e-História, 2006. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=45> acessado em março de 2009.

PREISER, W. F.E. **Building Evaluation**. New York: Plenum Press, 1989.

SABBAG, Haifa. **Escola Montessori Oost, Amsterdam, Holanda**. Portal Vitruvius, 2001. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/ac/ac003/ac003_3.asp acessado em maio de 2009.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1998.

UIEDA, Maurício. **Orfanato em Amstelveenseweg – Aldo Van Eyck**. Portal Ponto 2, 1998. Disponível em: <http://www.ponto.org/2/orfanato.html> acessado em abril de 2009.

ZEIZEL, J. **Inquiry by Desing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.